

Outra vez Eneias

Joaquim Mendes de Castro

Na Esteira de Homero

Ensina um dos mais categorizados estudiosos da obra virgiliana que a melhor maneira de conhecer a poesia do imortal Mantuano é debruçar-se sobre o texto original e tentar apreender-lhe o mistério da sua arte¹. As páginas que vão seguir-se resultam dum estudo tão atento e pormenorizado da *Eneida* quanto o permitiu a *angustia temporis*, e representam uma quota mínima das informações que pude recolher. É que também eu pude verificar que no poema de Virgílio não há uma frase, um verso, uma palavra, uma sílaba, uma vogal, uma consoante que sejam fortuitos². Tudo contribui para o sortilégio inigualável duma composição que até se poderá criticar, mas a cujo encanto é forçoso render-se³.

Outrossim se constata uma espantosa abertura a todos os elementos culturais conhecidos ao tempo. Lendo a *Eneida*, surpreendemo-nos a dizer para os nossos botões: Mas eu já li isto. Procuramos o lugar paralelo, digamos, a fonte, e concluimos que as diferenças sobrelevam as semelhanças e que a "imitação" é singularmente original⁴.

Outra experiência que se recolhe diz respeito à concatenação de cantos e episódios que deixa marcas onde menos se esperava⁵. Todavia, sentimos a enorme tentação de nos fixarmos em cada página, às vezes, numa sentença de quatro palavras⁶ para haurirmos toda a beleza que este incomparável joalheiro lá encerrou. Há que fazer um notável esforço para arrancar um determinado tema ao conjunto, como vamos fazer, estudando o perfil do herói máximo do poema. E seja-nos lícito desfazer imediatamente um certo preconceito que tem a ver com a pretensa monotonia da figura em questão, duma só faceta, o *pius Aeneas*, onde o atributo pode estar sujeito, por ignorância, a uma superficial degradação.

Ora o que nós encontrámos é que o antroponímico "Eneias" aparece, a maior parte das vezes sem "escudeiro", cerca de cento e trinta vezes. Fora disso, porém, há uma gama variadíssima de apostos, sinónimos e epítetos distribuídos por todos os cantos, que o poeta coloca na boca dos personagens - divindades, companheiros, amigos e inimigos - ou autoriza com a sua responsabilidade. Eis uma amostra:

Vir, pater, rex, dominus, dux, ductor, tyranus, heros, primus, magnus, ingens, iustus, insignis, magnanimus, maximus, fortissimus, inclitus, bonus, optimus, pulcherrimus, ferus, ferox, crudelis, perfidus, hostis, desertor, terribilis.

Poderíamos acrescentar os atributos respeitantes ao seu nascimento ou ao seu povo: *Troius e Tros; Dardanius; decus nostrum; Frater* (de Cupido); *natus Anchises; Anchisiades; Veneris filius* e, sobretudo, *nate Dea*, a que corresponde, naturalmente, para Vénus a designação de *genetrix, diva parens, diva creatrix*, o possessivo *meus* e o sintagma *genetrix nato*.⁷

Alguns destes epítetos já se encontram no estilo formular dos poemas homéricos, principalmente a propósito de Ulisses⁸. Mas agora o que nos importa é assinalar a herança do aedo grego na existência e em algumas características do protagonista da apopeia latina, aliás um dos aspectos da sua quota parte nos componentes materiais da *Eneida*.⁹

Eneias aparece um pouco por toda a parte na *Ilíada*, mormente nos cantos V e XVI, XVII e XX. O nome do "herói" figura, naturalmente, no "catálogo" das forças troianas, como chefe dos Dardânios e nobre filho de Anquises e Afrodite, circunstância que o recordará muitas vezes: II, 820; XVII, 491.754; V, 247/8...

Afrodite dirá que Eneias é o seu sobre todos muito amado filho (V, 378) e Aquiles há-de reconhecer que a origem divina do Anquísíades era um facto: ele era verdadeiramente amado dos deuses (XX, 347). De facto os deuses o defendem em ocasiões de aperto: Vénus e Apolo: V, 311/12.432.445.450; e Poseidon: XX, 328-329.

Apontado, juntamente com Heitor, como o melhor dos Troianos (VI, 75 e XVII, 513), bate-se como leão em momentos altos da refrega (V, 297), defronta rijamente os mais esforçados dos heróis gregos, merecendo do Poeta ser comparado a Ares juntamente com Idomeneu (XIII, 500). O seu comportamento durante a campanha é verdadeiro *Τρώων ἄγός* (V, 217), *ἄναξ ἀνδρῶν* (V, 311), *ποιμὴν λαῶν* (V, 514).

Pândaro, Deifobo, Heitor é o próprio Apolo dirigem-se-lhe como a *Τρώων βουληφόρε* (V, 180, XIII, 463; XVII, 485; XX, 783).

O povo, esse adora-o:

ὅς Τρωσὶ θεοῖς ὥς τύετο δήμῳ

(XI, 58)

Magnânimo o bravo (XX, 169. 263. 264. 328), muito valente (XIII, 482: *μάλα κράτερός*), estimado dos homens e amado dos deuses, não admira que estes o escolhessem para salvar do extermínio a nação troiana, sucedendo à dinastia rejeitada de Príamo:

νῦν δε δὴ Αἰνεΐάω βίη Τρώεσσιν ἀνάξει
καὶ παίδων παῖδες

(XX, 307-308)

Trata-se, evidentemente, duma profecia *post euentum*, isto é, aquando da "composição" da *Ilíada*, subsistiam algures *reliquiae Danaum* (*Eneida*, 1, 30, et *passim*). Sendo também certo que, pelo menos a partir do séc. XIII há vestígios da lenda da presença de Eneias no Lácio, poderemos afirmar que Virgílio tinha em suas mãos os dois pólos do seu poema. Completar a urdidura e tapar a teia ficava a cargo do seu génio.¹⁰

Aqui, porém, devemos esclarecer que Virgílio não se contentou com imitar, que lho não consentia nem o talento nem o brio de romano e até a perfeição da epopeia grega.¹¹ Se é certo que Virgílio evoca Homero, a quem todavia não concede um lugar nos Campos Elíseos¹², a maior parte das vezes procura fazer-lhe réplica. E assim Eneias ocupará o lugar de Heitor, mas dum Heitor agora invencível, porque Júpiter o quer. De origem divina, ele terá também o seu escudo fabricado por Hefesto - Vulcano (*En.* 8, 608-731), mas também o seu "Aquiles" que o destino lhe reserva na Hispéria (*En.* 6,89), o qual compensará, na morte às mãos de Eneias, a humilhação de Heitor perante o verdadeiro Aquiles (*Il.* XXII, 337-366 e *En.* 8,930-949).

A tempo se note que Virgílio não identifica o seu herói com o da *Ilíada*.

Turnus alude, é certo, às armas de Eneias feitas por Vulcano como as de Aquiles e das quais se jacta não ter necessidade:

*Non armis mihi Vulcani...
Est opus*

(*En.* 9,148-149)

Mas ele é que procede como Aquiles e Aquiles se considere, retorquindo com altivez a Pândaro:

*Hic etiam inuentum Priamo narrabis Achillem
(En. 9,742)*

Turnus crê defender a sua terra, que os Troianos querem ocupar. E nisto se poderia assemelhar a Heitor, empurrando Eneias para a posição antipática de Aquiles. Mas trata-se, apenas, duma aparência: a Ausónia foi atribuída por Júpiter e pelo Destino aos Troianos. Eneias apenas reclama a terra que tem direito (*En.* 3,165-168; 4,271-276 et *passim*...).

Pius Aeneas

Certamente um dos atributos mais do agrado do Poeta, dos amigos de Eneias e do próprio Eneias é o de *pius*. Ele o reivindicou para si ao identificar-se a sua mãe Vénus:

*Sum pius Aeneas, raptos qui ex hoste Penates
Classe ueho mecum, fama super aethera notus.*
(*En.* 1,378-379)

O passo recorda a apresentação de Ulisses na corte dos Feaces (*Od.* 9,19), embora o paralelismo não deva impressionar demasiado.¹³ Aliás o apelativo não é exclusivo de Eneias: de cerca de 29 vezes que aparece, há pelo menos dez que, se não vão com outros nomes, vão com outros objectos: *generi* (*En.* 1,526); *manibus* (4,517); *uitta* (4,637); *amore* (5,296); *farre* (5,745); *ore* (6,530); *animis* (7,401); *sanguine* (10,617). Isolado, como substantivo, em *En.* 8,670: os que não acompanharam Catilina na traição.

No campo semântico é manifesta a conotação cultural: *pias* as mãos (de Dido) que oferecem um sacrifício; emblemas sacerdotais; os bolos sagrados; a seguir a religiosidade da raça troiana; a solicitude amorosa de Nisus ou a compaixão das mulheres de Laurente. Juno considera pio o sangue de Turnus, que se expõe a derramá-lo pela sua pátria. No mesmo sentido de amor pátrio, os que se afastam da conjura de Catilina. Excepção a todos os títulos, porque se atribui a Apolo e porque significa amor filial (*En.* 3,75).

Mas ao lado do adjectivo *pius*, Virgílio usa cerca de 18 vezes o substantivo *pietas*. *Pietas* pode significar o carácter sacerdotal ou a reverência a que tem jus (*En.* 11,787); a justiça divina (1,253; 9,439); o culto que aos deuses se deve (2,690; 12,839) e se lhes presta (6,83); e o poder de intercessão que junto deles pode valer (2,430; 5,688/9.783).

A nível humano, a dedicação dos filhos aos pais (*En.* 6,668; 10,812) e talvez vice-versa.¹⁴

Deixamos propositadamente para o fim as referências à *pietas* de Eneias, em que é insigne e egrégio, excedendo o próprio Heitor (*En.* 1, 544/5; 6,403; 11,292.787), porque as incluímos na análise que a seguir fazemos ao qualificativo atribuído a Eneias, que vamos analisar.

O epíteto que, já o dissemos, é apenas um entre os vários que a Eneias aplica Virgílio, aparece em contextos mais ou menos condizentes: piedade para com os deuses, piedade para com os homens. Quando transporta de Tróia consigo os Penates (*En.* 1,378); quando desabafa com Júpiter no incêndio das naus (5,685); quando se dirige ao templo de Apolo (6,9); oferece sacrifícios a Juno (8,84); quase invoca todos os deuses como testemunhas de pacto com Latinus e insiste no seu carácter sagrado (12,175.311.317); castiga a Mezêncio, *contemptor diuum* (7,648;

10,783), recebe sempre o título de *pius*. Mas também o recebe quando aceita a sugestão de Palinuro para voltar à Sicília, onde repousam os restos mortais do pai, e preside aos jogos em sua homenagem (*En.* 5,26.286). Também quando recorda, *longo sermone*, os companheiros desaparecidos ou se preocupa com a sorte dos vivos (1,220.305), ou chora a morte de Miseno e lhe manda fazer exéquias (6,176.232) e presta a Palas as homenagens que, embora *solatia luctus exigua ingentis*, são o mais solene que lhe pôde oferecer e tocou o coração do inconsolável Evandro (11,62/3.170). Se acrescentarmos o seu cuidado em premiar os actos de coragem (9,259), a sua compaixão pela sorte de Lausus (10,826) ou quando castiga a arrogância dos irmãos Lucagos e Liger, teremos as passagens em que Eneias é o *pius Aeneas* e o campo semântico que abrange o apelativo: religião, justiça, devoção filial, amor paterno e amor pátrio.¹⁵

Tudo componentes duma noção fundamental expressa num vocábulo de cepa itálica¹⁶ e intimamente penetrado de carácter sagrado¹⁷. Na sua unidade básica e no seu leque de vectores, a *pietas* quadra a um personagem que incarna e simboliza as virtudes dum chefe e dum povo, destinados a governar o mundo (*En.* 6,851). Ilioneu o disse numa daquelas sínteses estonteantes que fazem admirável constelação no Poema:

*Rex erat Aeneas nobis, quo iustior alter
Nec pietate fuit nec bello maior et armis
(En. 1,544/5)¹⁸*

De facto, a piedade de Eneias é síntese de força e de resignação, de profundas análises do coração humano, é compêndio de todas as mais sublimes virtudes que caracterizam o *Vir Romanus*.¹⁹

Eneias, o Homem do Destino

Antes de ser *uir pius*, Eneias foi *uir fato profugus* (*En.* 1,2). Poderá até afirmar-se que a *pietas* de Eneias no seu elemento teológico se concretiza no modo como se comportou perante o *Fatum*, um termo que marca a sua presença entre a meia dúzia de versos a que a sobriedade virgiliana reduziu a proposição da *Eneida*. Situado estrategicamente entre os dois pólos da viagem - Tróia e Itália - e o homem que a realizou, surge logo no início como elemento que explica ou exige uma outra coisa.

Aliás o termo ocorre com tanta frequência, cerca de 120 vezes, que só por isso dá jus à *Eneida* de ser tida como poema do Destino. A noção é, no entanto, bastante complexa e o seu estudo corresponderia a um ensaio sobre a teologia da história na *Eneida*. Há fados dos deuses e há fados dos homens. O homem tanto pode ser o indivíduo como a colectividade, embora prevaleça o indivíduo.

Quanto aos deuses, o termo *fata* rege umas sete vezes o genitivo do plural *deum*,²⁰ um genitivo subjectivo que supõe qualquer intervenção dos deuses na realização de actos e promulgação de leis, a que alude Juno nas cláusulas que propõe ao desistir da oposição aos Troianos (*En.* 12,819). Mas do numeroso panteão latino, se exceptuarmos Juno e talvez Apolo aos quais esporadicamente se atribui responsabilidade na existência ou revelação de certos *fata* (8,292; 2,121), só a Júpiter se atribui o domínio sobre o Destino. Ora Júpiter é senhor do Destino, porque é a sua causa²¹ e porque a conhece: ele a revela às outras divindades e quem a quiser conhecer é na esfera do chefe do Olimpo que a tem de procurar, lá onde até as estrelas o sabem,

sidera conscia fati

(*En.* 6,519)

Deste modo, o *fatum* viria a ser um acto da vontade de Júpiter, não faltando índices de que Virgílio identifica as duas entidades como nestes versos famosos:

Dulces exuuiæ, dum fata deusque sinēbat,

(4,651)

Nec Jouis imperio fati sue infracta quiescit

(5,784)

Como *hominum diuumque aeterna potestas* (10,18) o *Rex Iuppiter* (10,112) governa a seu grado, *sic placitum* (1,283; 10,15). Se os "Fados" são imutáveis é porque assim o quis, o que explica a angústia de Vénus por uma possível mudança nas promessas de Júpiter

quæ te, genitor, sententia uertit?

(1,237)

e o

fatis incerta feror

(4,110),

incertezas desprovidas de sentido, após as confidências do Canto I, se não estivesse no poder do *Deus Rex* alterar os *Fata*...

Os *Fata* são, pois, um acto de vontade do Pai dos deuses, o que não significa arbitrariedade. Em momento solene, Júpiter protesta a sua imparcialidade, pesando no prato da balança o mérito de cada um:

...sua cuique exorsa laborem

Fortunamque ferent: rex Iuppiter omnibus idem

(10, 111-112)²²

A imparcialidade de Júpiter e destinos desiguais supõem a responsabilidade do homem nos seus Fados: ele também é responsável no seu destino, que pode ser conjuntamente o de um povo.

A esta perspectiva não interessa a aceção em que os *Fata* correspondem ao grego *Κῆρες*, com o sentido fatalístico que se lê nos *miseri... fata Sychaei* (4,20) associados às Parcas.²³ Ao invés, interessa sublinhar que qualquer evento, qualquer porção de bem atribuído a existência de cada um, pode reivindicar a designação de *fatum*.²⁴ Acontecimentos singulares não costumam vir rubricados com o nome de *Fata*, mas Virgílio inclui com frequência determinados sucessos nessa categoria, com a exclamação de Júlio: "até os pratos comemos" que Eneias assevera pertencer aos *fatorum arcana* revelados por Aquiles (*En.* 7,116-128).

Dumézil classificou este grupo com o título de "fados abertos".²⁵ Estes abrangem todas as peripécias dos erros de Eneias, desde que deixou Tróia e se estabeleceu no Lácio. São os "fados" da sua missão. Os companheiros juram pelos *Fata Aeneae* (7,234) quando afirmam:

... nos fata deum uestras exquirere terras
imperii egere suis...

(7,239-240)

E tanto Latino (7,272) como Evandro (8,477) saudam a chegada do chefe Troiano à Hespéria como uma exigência dos "Fata". E pela voz de Tárcon, a *gens Lydia*, ao aceitar um general estrangeiro, sente que cumpriu uma ordem oracular, ficando assim *libera fati* (10,154/5).

Eneias há-de proclamar que os destinos o exigem:

Ego poscor Olympo

(8,533)

Exigido pelos "Destinos", Eneias tem a consciência de que pode exigir em nome deles o reino do Lácio (6,66-67), e tal é a fama que se espalha por aquelas terras (8,12). Mas nem ele nem os outros são forçados psicologicamente a pactuar com os oráculos divinos. Eneias pôde trestemunhar a Evandro que os *Fata* o conduziram à Ausônia *uolentem* (8,133), e Latinus, manifestando-se embora contrário aos que à sua volta reclamam contra *deum fata e infandum bellum poscunt*,

Saepsit se tectis rerumque reliquit habenas

(*En.* 7,583-584.600).

É certo que Virgílio assegurou às sombras de Dido

Inuitus, regina, tuo de litore cessi

(*En.* 6,460),

como em Cartago se lhe desculpara:

Italiam non sponte sequor

(En. 4,361)

Os meios usados por Júpiter haviam sido suasórios. É o seu procedimento habitual, quer mande recado por uma divindade, quer advirta por um ser humano, como Nautes, quando Eneias esteve a ponto de se esquecer dos *fata* nos campos da Sicília (En. 5,703).

Virgílio diz e repete:

Fata uiam inuenient

(En. 3,395; 10,113)

Quer dizer que o êxito da viagem de Eneias era infalível; mas ficava sempre uma certa margem de oscilação, onde o homem se pode movimentar. Expressão da vontade divina, o *Fatum* não violenta a vontade dos homens; solicita o seu concurso livre, provocando obediência ou revolta, "piedade" ou "fúror".

Turnus cada vez mais obstinado no seu furor, rejeitará todas as exigências do "destino" e morrerá inimigo dos deuses, uma espécie do "homem absurdo" de Camus²⁶. Eneias obedece, os *Fata* tornam-se o seu fanal num longo e difícil peregrinar:

Matre dea monstrante uiam, data fata secutus

(En. 1,382)

Obediente à vocação do Destino, mesmo quando o acicata a inquietação da dúvida, *incero quo fata ferunt* (3,7) na busca duma Itália que sempre lhe fogia (5,629) Eneias vai alargando os domínios da consciência à medida que progride na sua viagem, chamado de destino em destino

nos alia ex allio in fata uocamur

(3,494)

Ao longo da sua caminhada, vai ouvindo de vários lados e de várias formas o convite providencial à fuga:

Heitor: *Fuge, nate dea*

(2,289)

Vénus: *Eripe, nate, fugam*

(2,619)

Polidoro: *antiquam exquirite matrem*

(3,96)

Penates: *Mutandae sedes...*
Surge age...

(3,161.169)

Celso: <i>Ibitis Italiam</i>	(3,254)
Heleno: <i>Effuge...</i>	(3,398)
Acménides: <i>fugite, o miseri, fugite</i>	(3,639)
Mercúrio: <i>qua spe Libycis teris otia terris?</i>	(4,271)
Mercúrio: <i>Non fugis hinc praeceps...?</i>	(4,565)

Finalmente, chegados ao Lácio, é a vez de ouvirem da boca de Latinus o convite a ficarem:

Ne fugite hospitium, neue ignorete Latinos
(7,202)

Deste modo, ao fim de meio poema, vencidos tantos obstáculos e ponderados tantos conselhos; abordados três continentes e transpostos os limites do mundo dos vivos; abarcando na sua visão os acontecimentos passados, presentes e futuros, Eneias confirma-se na certeza de que a obediência aos *Fata* o investiu na posse do reino predestinado (7,120), e o adjectivo *laetus* começa a aparecer com frequência no poema (8,544.606.617).

Não é que houvessem terminado os motivos de preocupação e até de luto:

*Nos alias hino ad lacrimas eadem horrida belli
Fata vocant.*
(11,96/7)

Mas Eneias já aprendera de vez nas rudes provas da sua peregrinação que

... superanda omnis fortuna ferendo est
(5,710)

Os ombros adquiriram-lhe robustez suficiente para suportar

famamque et fata nepotum
(8,731)

Eneias é verdadeiramente o homem do destino: ele o descobre, ele lhe obedece. Para alguns será a sua fraqueza; para outros será o seu maior título de glória.²⁷

Um Herói Humano

Quando se desempenha uma missão divina, a missão é que é grande. O homem, esse é sempre pequeno: a missão apaga-o ou até o esmaga.

Ora Virgílio incumbiu o seu herói da realização no tempo e no espaço dum plano traçado pelos deuses, colocando-o no cruzamento das linhas de força que se entrecrocavam na formação dum reino ideal, capaz de ressuscitar a sonhada idade de ouro, o reino de Saturno (*En.* 6,793/4). A vocação de Eneias está equacionada com a *pietas*, a que se opõe a *impietas* encarnada em várias personagens que, por fás ou por nefas, se lhe atravessam no caminho.²⁸ Um poema com um herói deste género representa uma inovação, que só terá paralelo na literatura bíblica de Israel. Este herói terá, naturalmente, de adaptar-se a esta concepção, que não lhe permite passar a vida correndo atrás de façanhas brilhantes em proveito da sua fama de herói invencível, antes o obriga a ler nos sucessos da história, que até pode ser lenda, uma vontade que o transcende e tem o direito de mandar. O orgulho e a altivez não lhe vão a carácter, mas sim a conformação e a humildade.

Ora acontece precisamente que a altivez e o orgulho por força tinham de brilhar no herói que os poemas homéricos haviam cantado e imposto. A ἀρετή heróica, diz-nos um dos especialistas que mais se tem dedicado aos estudos homéricos, "comporta um denso conteúdo de numerosos predicados...: nobreza de nascimento... beleza e vigor físico, coragem, temperamento colérico, espírito de competição, amor da glória, sentimento da αἰσώσις, poder económico... lealdade ao chefe e aos companheiros, a austeridade, a astúcia, a facúndia".²⁹

Por princípio - não se esqueça a antipatia por Ulisses - por feito ou por coerência, Virgílio não dotou os seus heróis, ao menos alguns, destes predicados. Eneias, sobretudo, parece destoar deste friso homérico. É com o pensamento em Eneias, segundo cremos, que Pichon resume os defeitos da *Eneida*: fraqueza de concepção dos deuses, fraqueza na pintura dos caracteres, fraqueza na expressão dos objectos exteriores.³⁰

De facto, as personagens de Virgílio nascem-lhe do coração: serão menos valentes mas têm mais alma. Talvez melhor que ninguém o vate de Mântua encarne a subjectividade latina, sentimental e romântica, em contraste com a objectividade contemplativa dos Gregos.³¹ No caso concreto de Eneias, há que advertir na intenção didáctica do poema.³² Virgílio carregou para a feitura da sua personagem tudo quanto pudesse contribuir para erguer um exemplo aos senhores do mundo, divinizados pela função, mas homens pela natureza. Um César, um Augusto,

Imperium Oceano, famam qui terminet astris
(*En.* 1,287)

como qualquer mortal,

*tanto agora é belo e sublime
como logo é terra e crime.*

Na formação do Império, haviam conluído raças e valores de toda a proveniência, e Virgílio pensava que a sua unidade não se opunha ao brio das nações, agora muito orgulhas do nome romano. Do mesmo modo, continuavam a honrar o valor de seus heróis, que não tinham compreendido a tempo a vontade do Destino, mas haviam lutado generosamente pelo que se lhes afigurava um dever religiosos. Por isso, o cuidado e o carinho com que o poeta lhe avulta as qualidades, a tal ponto que, à primeira vista, parecem ensombrar o herói principal. Consideremos o episódio de Dido, "o que fez aparecer e considerar Eneias um débil, um fraco de carácter... um homem mesquinho, sem vontade própria."³³

Antes de mais lembremos que tal conceito parece absolutamente estranho à *Eneida*, onde companheiros e adversários não perdem ocasião de render homenagem ao seu valor. A sentença de Ilioneu

*Rex erat Aeneas nobis, quo iustior alter
Nec pietate fuit nec bello maior et armis*
(En. 1, 544/5)

encontra eco fiel numa testemunha tão qualificada como Diomedes, equiparando Eneias a Heitor:

Ambo animis, ambo insignes praestantibus armis
(11,291)

Como a encontra nos embaixadores de Latino:

... fama ingens, ingentior armis
(11,124)

Do confronto com Dido, Eneias não parece sair-se muito airoso. Ele toma ares de fugitivo, enquanto a rainha recupera no desenlace trágico do seu amor não correspondido a majestade que os Troianos lhe viram no templo de Juno (*En.* 1,496). E o leitor, que não precisa de ter a sensibilidade vibrátil de Santo Agostinho, experimenta uma compaixão íntima pela infeliz Dido que no princípio deixara atravessar o coração pelas setas de Cupido e acabou por dilacerá-lo com a espada do "infel amante".

Advirtamos, porém, que Virgílio correu voluntariamente o risco de permitir que as simpatias dos leitores fossem para a fundadora duma cidade que sustentou contra Roma a mais dura das campanhas. O risco era tanto maior quanto estava ainda muito viva em Roma a recordação dos nefastos amores de Marco António e Cleópatra – *nefas!* (8,688) – e não faltaria quem visse no canto quarto da *Eneida* a alegoria dum passado próximo.³⁴

Mas ainda bem que o fez. Se tivesse escrito um romance cor de rosa, ver-se-ia privada a literatura universal dum monumento incomparável que deixa na penumbra todas as Medeias, Ariadnes e Fedras que hajam contribuído com a sua quota parte para a inspiração do Poeta.

Mas o episódio pode ter uma leitura mais profunda. A trajectória de Dido e Eneias parecia convergir no ponto comum do enlace. Ambos fugitivos, encontram-se no momento em que ela já podia compadecer-se:

Non ignara mali, miseris succurrere disco
(1,630)

e ele tinha motivos para se mostrar agradecido:

*...Ego te, quae plurima fando
Enumerare uales, nunquam, regina, negabo
Promeritam; nec me meminisse pigebit Elissae,
Dum memor ipse mei, dum spiritus hos regit artus*
(4,333-336)

Dido tudo fizera por Eneias, mas também tudo lhe lança em rosto apelidando-o de todos os nomes feios e, o que é mais, humilhando-o com a lembrança do maltrapilho que recebera

*... Eiectum litore, agentem
Excepi...*
(4,373-374)

Eneias gagueja uma justificação e emudece. Falta de amor? Não, Eneias amava Dido. Também ele sentia que as raízes do amor se lhe haviam apoderado da alma

... magnoque animum labefactus amore
(4,395)

Amor de homem, que se não alivia em queixumes, mas faz vergar os ombros ao peso da sua responsabilidade.³⁵ E que bem o descreve o Poeta com o espantoso simile do roble batido de todos os lados pelo vento dos Alpes e que se dobra até ao solo, mas não cede, porque se firma na raiz que, por entre rochedos, demanda o coração da terra (4,441-449).

Entre Dido e Eneia interpunha-se a vontade dos deuses. E entre a mulher amada e a missão do céu recebida, questão de hierarquia de valores, a mente impôs-se ao coração:

Mens immota manet, lacrimae uoluntur inanes
(4,449)

Eneias triunfara da experiência na qual, após a ausência de Anquises, estivera para sossobrar. Triunfo que Virgílio sublinha, incluindo no símile o aposto *heros*, e retomando, pouco antes, após um longo eclipse, o *pius* (1,393).

Diferente é o episódio de Turnus, que alguém considerou uma reencarnação heróica de Dido.³⁶

Jovem, garboso, audaz, a sua figura desenha-se em toda a segundo metade da *Eneida* e enche o último canto. A sua desgraça, porém, está em que, mau grado seu, se encontra envolvido no *fatorem ordo* (5,707), de algum modo uma necessidade histórica³⁷ segundo a qual, no momento supremo da epopeia, todo o papel dos chefes se reduz a serem substituídos.³⁸

Virgílio não regateia elogios à valentia de Turnus, consagrando-lhe cópia de símiles: o leão que não sabe voltar as costas (9,792 e sgs.), cavalo fogoso (11,492 e sgs.), leão que despedaça o dardo com os dentes (12,4 e sgs.), fera que salta sobre a sebe das lanças (9,551 e sgs.), furacão que leva tudo na sua frente (12,265) e sgs.).

Mas Turnus confia demasiado em si,

Turnus ego, haud ulli ueterun uirtute secundus,
(11,441)

e não sabe *seruare modum* (10,502). Insulta o adversário e minimiza o seu valor,

Semiuiri Phrygis
(12,99);

despreza os avisos celestes, interpreta-os a seu favor confiante no seu aúgure (12,245 e sgs.);

Et furis agitatus amor et conscia uirtus
(12,668)

enfurece-se propositadamente antes do duelo

... sine me furere ante furorem,
(12,680)

querendo honrar no acto supremo o nome de seus maiores (12,649), quando já convencido da *Superis aduersa uoluntas* (12,647).

Precisamente o contrário de Eneias, que, ciente embora do favor dos deuses, diz com humildade:

Vixet, cui uitam deus aut sua dextra dedisset
(11,118)

Todavia o desfecho do canto III, em que Eneias inexoravelmente abate o rival, fez pender para o lado de Turnus, já que a balança de Júpiter lhe foi desfavorável, a simpatia do leitor.

Já dissemos que Virgílio não achincalhou os bravos que se opuseram ao estabelecimento dos Troianos no Lácio: eram valores apreciáveis na síntese do Império. Há, porém, uma razão de Estado: o chefe há-de premiar e há-de castigar:

Parcere subjectis et debellare superbos

(6,853)

A última vontade do pobre Evandro era levar ao filho, nos Manes, a notícia de que fora devidamente vingado (11,180-181).

No tempo de Virgílio, Eneias chamava-se Augusto e Evandro era um dos *reges socii*, a quem Roma devia auxílio e defesa. A esta luz já se compreende o rigor de Eneias. De harmonia com a interpretação que vimos seguindo e em que talvez inovemos alguma coisa, devemos acrescentar que a "iniciação" do canto VI deu certezas ao herói, mas não lhe destruiu a natureza humana. Ele não seria homem autêntico, se não experimentasse por vezes abatimentos diante de dificuldades inesperadas, ou indignação perante o *furor* dalguns inimigos. Virgílio recorda-nos em dois hemistíquios um desses momentos:

... Pallas, Euander, in ipsis

Omnia sunt oculis...

(10,515-516)

Mas a onda breve se abate e é o próprio filho de Mezêncio que enche de comoção o mesmo Eneias que, momentos antes, se enfurecia contra o pai:

*Quid tibi nunc, miserande puer, pro laudibus istis,
Quid pius Aeneas tanta dabit indole dignum?*

(10,825-826)

Concluamos. Virgílio é partidário da paz. Ele detesta a *lacrimabile bellum* (7,604), sobretudo as guerras civis:

Neu patrias ualidas in uiscera uertite uires!

(6,833)

Elas são um absurdo:

*... tanton placuit concurrere motu,
Iuppiter, aeterna gentes in pace futuras!*

(12,503-504)

Mas Virgílio não aceita a paz a qualquer preço. Ao colocar na boca de Drances, uma caricatura de político, (*Largus opum et lingua melior, sed frigida bello/Dextera* (11,338-339) a sentença *Nulla salus bello* (11,362), assinalou, pelo carácter da personagem, ao verbo fácil as devidas reservas. É preciso saber falar, mas também é preciso ter a coragem de agir.³⁹

Do que aduzimos e do muito mais que poderíamos aduzir, parece lícito concluir que Virgílio deu ao seu herói a imagem que durante tanto tempo - 11 anos

ou mais⁴⁰ – acalentou no coração e o conseguiu magistralmente: a do chefe romano, consciente das suas responsabilidades diante dos deuses e diante dos homens. Aquela mesma imagem que Eneias desejava ficasse impressa na mente e no coração do filho:

*Disce, puer, virtutem ex me uerumque laborem,
Fortunam ex aliis.*

(12,435–436)⁴¹

A Eneida, Pilar do Ocidente

Ao projectar todo o desenvolvimento da história do Roma para cerca de quatrocentos anos antes da fundação da Cidade e fazendo-a conhecer à *stirpis Romanae origo* mediante o uso da profecia, Virgílio não só inaugurou um processo literário que ficará de modelo às epopeias literárias ou eruditas – e *Os Lusitadas* são disso um exemplo⁴² – como também parece admitir implicitamente o conhecimento dos chamados futuríveis e a possibilidade da sua revelação aos homens.

A *Eneida*, ao contrário das outras epopeias, é toda voltada para o futuro. Virgílio é antes de mais um poeta e a história de Eneias é uma criação do seu génio: Eneias como indivíduo e Eneias como símbolo. Mas ele trabalha sobre os dados da tradição greco-latina e, embora se pudesse dizer com o nosso épico

*Que em tanta antiguidade não há certeza,
(Os Lus. 3,292)*

e ele próprio haja confessado em termos equivalentes:

*Ad nos uix tenuis fama perlabitur aura
(En. 7,646)*

*... fama est obscurior annis,
(7,205)*

*...Prisca fides facta, sed fama perennis
(9,79)*

poeticamente ao menos funciona como critério de certeza:

*Haud incerta cano.
(8,49)*

Deste modo, Eneias, reservado por Deus *ad opera maiora* (12,429), transforma-se em símbolo que antecipa de um milénio⁴³ a história de Augusto, que, no termo da sua genealogia predestinada, será o homem tantas vezes prometido:

*Augustus Caesar, Diui genus, aurea condet
Saecula qui rursus Latio regnata per arua*

*/Saturno quondam...
Proferet imperium...*

(6,792-795)

Este processo literário converte o Poeta em profeta - não aquele que fala em vez das Musas, mas o que fala antes. E então desenha-se no acervo das recordações a silhueta do patriarca Abraão que, também ele, deixou a sua terra natal rumo ao Ocidente e sob a conduta de Javé de pousada em pousada veio fixar-se na terra de Canaã, homem de fé e homem de esperança. Estamos já no campo da alegoria e aqui a *maxima rerum/Roma* (7,602-603) é uma espécie de "reino de Deus" que preludia o outro Reino de Deus.⁴⁴

Virgílio virá a ter um lugar de honra na pintura cristã das catacumbas, ladeando com Isaías a Virgem com o Menino nos braços. Aberto a todo o espólio cultural da antiguidade, grego, romano e até doutras origens, Virgílio revela um singular espírito de *catolicidade*⁴⁵ que fez da sua epopeia uma síntese maravilhosa de toda a cultura antiga, síntese que granjeou para a *Eneida* valor universal - um dos requisitos do poema épico - e fez que os cristãos vissem nas obras do Mantuano um dos factores privilegiados da *praeparatio euangelica*.⁴⁶ Ele pode reivindicar a moralização do Olimpo, a afirmação convicta da imortalidade da alma,⁴⁷ a visão plástica do Inferno e do Purgatório e a expressão mais feliz da universalidade do Império, "parábola da universalidade da Igreja".⁴⁸

Virgílio era o homem que tudo sabia desse mundo que a sua "fé" desejava ultrapassar, numa ânsia de luz que o atirava para o futuro. Por isso, Dante, o divino cantor da Teologia, com tanto brilho professada nas Universidades medievais, o escolhe, "famoso saggio", por mestre e guia:

*... quel Virgilio, e quella fonte
Che spandi di parlar si largo fiume.*

(*Inf. I*, 79-80)

É Virgílio que guia o Florentino nas trevas do Inferno e nas sombras do Purgatório, observando com modéstia:

*... Quanto ragion qui vede,
Dirti poss'io...*

(*Purg. XVIII*, 46-47)

pois reserva a Beatriz as luzes do Paraíso

... ch'è opra di fede.

(*Purg. XVIII*, 48)

Mas Virgílio também fora guiado por uma certa luz do alto:

Virtù del ciel mi mosse, e con lei vegno,

(*Purg. VII*, 24)

e a sua recordação deve ter acompanhado Dante mesmo depois que no alto da montanha substituiu.⁴⁹

Aliás Virgílio tinha idealizado o herói de que o seu tempo precisava como o nosso precisa: misto de justiça e bondade, firmeza e comiserção, noção do dever e respeito pela hierarquia dos valores, conhecimento dos homens e fé no transcendente, amor da pátria e devoção ao ideal sincero da paz.⁵⁰

Poderá objectar-se que é um modo de fazer literatura com bons sentimentos.⁵¹ Mas não nos devemos esquecer que Eneias está sujeito a um aperfeiçoamento que o leva a crescer com o tempo na sua estatura moral. Ele não é, de maneira nenhuma, uma personagem absolutamente rectilínea.⁵²

Virgílio não incorreu no perigo de fazer do seu herói uma personagem sempre boa: incorporou-o no mundo em que vivia, esforçando-se por compreendê-lo e por humanizá-lo.⁵³ Deste modo, Virgílio realçou a transcendência da missão de Eneias, fazendo triunfar na sua fragilidade a vontade divina.⁵⁴

Virgílio não nos terá legado, nem podia fazê-lo, uma teologia coerente, embora se tenha levado aos cimos do mundo antigo. É certo, porém, que "nos mostrou sem dúvida, a primeira pintura em profundidade duma alma religiosa".⁵⁵ E, escrevendo um poema voltado para o futuro na perspectiva da Roma eterna, assegurou um lugar ao nível dos filósofos da história como Santo Agostinho, Bossuet e Hegel.⁵⁶

A *Eneida* é, de facto, uma coluna do Ocidente. A outra é o Evangelho.⁵⁷

NOTAS

1. W.F. J. Knight, *Roman Vergil*, p. 417. O crítico é abalizado por J. Ehave-Sustaeta como "el más profundo estudio sobre Virgilio" in *Virgilio*, p. (291).
2. W.F.J. Knight, o.c. anota a flexibilidade do poeta "beyond the limits of our knowledge" (p. 417).
3. Como acontece a R. Pichon que, depois de criticar severamente o Poeta a quem feneceria poder de invenção, acaba por concluir: "tout y est; tout le passé... tout le présente... tout l'avenir pressenti avec l'émotion intime et profonde d'une âme infiniment tendre et douce" (*Hist. da la Lit. Latine*, p. 358).
4. J.J.L. Cannington, *The Aeneid*, notes, p.8. Por sua vez A. Thill in "Hector dans l'Enéide..." prefere falar de sucessão em vez de imitação (*Bull. de l'Assoc. G. Budé*, Mars 1980, p. 48).
5. A situação dos cantos 3º e 5º dentro do poema tem exercitado a perspicácia dos críticos, como M.M. Crump em *The Growth of the Aeneid*. Mas não é precisa demasiada atenção para se descobrir através de todo o edifício - a *Eneida* já foi comparada a uma basílica romana - uma íntima estruturação. Seja o caso das folhas da Sibila (*En.* 3,443-455 e 6,74-76); da descrição da Hespéria (1,530-534 e 3,163-166); da "mesa" de Celeno (3,256 e 7,116). A estrutura da *Eneida* surpreende mesmo os conhecedores da *Odisseia*, onde o processo *in medias res* aparece algo

disfarçado com os primeiros cantos dedicados à viagem de Telémaco, os quais funcionam como prótase duma frase temporal.

6. Por exemplo *tacitas per amica silentia lunae* (2,255); *caecis undis* (3,200); *non tractabile caelum* (4,53); *seguar absens* (4,384); *Ibant obscuri sola sub nocte per umbram* (6,268); *maria undique et undique caelum* (5,9). Sem mencionar o "hemistíquio imortal", que J. Echave-Sustaeta julga de todo intraduzível, *Sunt lacrimae rerum* (1,462) (o.c., p. 118). O poder de síntese de Virgílio revela-se efectivamente na forma definitiva que deu a certas expressões e na cor exacta que encontrou para certos quadros (cfr. F. Piessis et P. Lejay, *Oeuvres de Virgile*, p. 243, nota 1)
7. Para uso pessoal organizei uma concordância virgiliana que me pudesse fornecer elementos adequados à seleção de temas tais como: usos e costumes dos Romanos; Roma e os outros povos; a mulher na *Eneida*; Virgílio sentencioso; a Literatura na *Eneida*, e, naturalmente, a personagem de Eneias. São portanto da minha colheita os dados que ofereço, e não de obras do tipo do *Index Verborum Virgilianus* de M.V. Wetmore.
8. Sobre o uso das fórmulas em Homero no respeitante a Ulisses, pode ler-se M. Parry, *The Making of Homeric Verse*, p. 277, nota 2.
9. K Quinn escreveu "Rivalry with Homer was an important part of Virgil's poem: it represented the fourth element in the solution of his problem" (*Virgil's Aeneid*, p. 43)
10. Cfr. N. Terzahi, *Virgilio*, p. 140, K. Quinn, o.o. p. 38. No entanto cremos exagerado afirmar-se que Virgílio não teve nada que inventar...; que estava tudo preparado e restava apenas apor-lhe a sua mão de divino artista (Assim pensava e escrevia C.A. Sainte-Beuve, *Étude sur Virgile*, p. 145).
11. Sói dizer-se que é mais fácil arrancar a maçã da mão de Hércules que um verso de Homero, o que tanto pode significar a solidez indestrutível da arquitectura dos dois grandes poemas gregos, como a sua inadaptação a tentativas mais ou menos plagiárias. Neste segundo sentido se pronuncia Bowra, *From Vergil to Milton*, p. 38.
12. Concede-o, porém, a Museu talvez porque simbolize os poetas em geral (*En.* 6,667). Do que não há dúvida é da profunda antipatia de Virgílio por Ulisses.
13. Cfr. o epifonema de *Génesis*, 45,4 quando José se dá a conhecer aos irmãos: *Ego sum Joseph, frater uester.*
14. Há na *Eneida* duas frases equivalentes: *tantae pietatis imago* (6,405) e *patriae pietatis imago* (9,294) que tanto podem ter o mesmo sujeito ou sujeito diferente. Neste caso, Eneias e a mão de Eurialo.
15. Jurando pela Terra, Eneias acrescenta: *quam propter tantos potui perferre labores* (12,177), de modo que a Terra é sobretudo a terra onde lançaria os fundamentos do Império Romano.
16. Cfr. Ernout-Meillet, *sub uoce*.
17. Uma confirmação se pode ver no antónimo *impius*, ferrete aplicado aos violadores dos tratados que a autoridade dos deuses sanciona: *En.* 4,496; 12,31.
18. Cfr. ainda *En.* 6,769-770; 11,292.
19. Vittorio d'Agustino, "Verso il Nuovo Virgilio?" em *Vergiliana*, p. 130.
20. Cfr. *En.* 2,54.257; 3,717; 6,376; 7,50.539.584.

21. Que Júpiter seja causa do Destino parece lícito deduzir-se, por analogia, do facto de os trabalhos de Hércules serem *fata Tunonis iniquae* (*En.* 8,292).
22. De notar que a *Iliada* XX, 208, no episódio da balança usa o termo $\epsilon\tilde{\eta}\rho$ e não $\mu\tilde{o}\tilde{i}\rho\alpha$.
23. De passagem, recorde-se que na região onde se desenrolam os acontecimentos da segunda parte da *Eneida* e onde Eneias terá desaparecido nas águas do Numícius, se descobriram restos dum templo das Parcas situado apenas a meio quilómetro do *Lar Aeneas* (P. Boyancé, *La Religion de Virgile*, p. 41).
24. Aqui, sim, *fatum* será equivalente do grego $\mu\tilde{o}\tilde{i}\rho\alpha$.
25. Cfr. G. Dumézil, *Mythe et Epopée*, pp. 333 e sgs.
26. Cfr. D. T. Stephems, "L'Homme absurde" em *Bul. de l'Assoc. G. Budé*, Juin, 1972.
27. J.P. Brisson, *Virgile, son temps et le nôtre*, p. 303: "En substituant au jeu aveugle de la "Fortune" la psychologie d'un homme qui endure et agit, Virgile a donné son poème une ouverture sur l'avenir, qui a peut-être nui à sa perfection formelle, mais qui en a certainement amplifié la signification".
28. "... the whole poeme: six books the picting the inner struggle for *pietas*; six books the picting the triumph of *pietas* over the impii" (B. Otis, *Virgil*, p. 223).
29. J.L. de Carvalho, *As estruturas da Odisseia*, p. 14.
30. R. Pichon, *o.c.*, p. 348.
31. Cfr. A. Traina, *Vortit barbare*, pp. 66-67. É digna de relevo a nota de Taine aí citada: "Les Romains disent plutôt ce qui est dans leur coeur que ce qu'il est dans celui des autres". Estas afirmações devem aceitar-se *cum grano salis* como se pode ver na cap. IV do livro de J. Griffin, *Homer on life and death*, "Death, pathos, and objectivity", pp. 103-143.
32. N. Terzaghi, *o.c.*, p. 195 observa que o testamento de Augusto recorda as virtudes que Virgílio tinha apontado aos Romanos: justiça, clemência, religião. Cfr. ainda C.M. Bowra, *o.c.* na versão portuguesa, p. 79, onde a propósito de *En.* 12,3140-315 escreve: "Nisto se vê espírito da era de Augusto como o seu mestre proclamou ao dizer que ele próprio jamais havia feito a guerra sem razões justas e necessárias e sempre perdoara aos inimigos quando a segurança social o permite".
33. N. Terzaghi, *o.c.*, p. 173.
34. Contra estes derriços orientais dos seus chefes, o povo romano sempre alimentou grave suspeição, que não apenas no episódio de Cleópatra. Também Tito, as "delícias do género humano", se viu obrigado a remeter à procedência a formosa Berenice, contra a vontade dos dois: *inuitus inuitam dimisit*.
35. Apraz-me registar esta afirmação de K. Quinn: "Scorn has been heaped upon Aeneas for his inadequate defence, but his reticence appears to me dramatically convincing" (*Latin Explorations*, p. 47).
36. Cfr. M.C.J. Putnam, *The Poetry of Aeneid*, p. 156. A comparação, porém, não convence totalmente, já que o elemento amoroso no canto XII desempenha um papel secundário.
37. Cfr. M. Ruch, "Le destin dans l'Énéide..." em *Vergiliana*, p. 312.
38. Cfr. A. Michel, "Virgile et la politique impériale..." em *Vergiliana*, p. 238.

39. Cfr. G. Highet, *The Speeches in Vergil's Aeneid*, p. 25, onde se faz a estatística das falas de Eneias: 54 na primeira parte, 25 na segunda. Verdadeiramente a 2ª metade do livro é tempo de acção.
40. Virgílio pensara escrever uma epopeia antes de terminar as *Églogas*. Desistiu, porém, e, como diz Servius, *offensus materia ad Bucolica transit*. Ainda não tinha encontrado a forma de escrever uma epopeia diferente dos costumados Anais. Cfr. W.F.J. Knight, o.c., p. 92.
41. V. Poschl em *The art of Vergil*, p. 57 ensina que o carácter de Eneias é determinado por uma amálgama de vários traços: heroísmo homérico, a *magnitudo animi* do antigo romano estóico e a *humanitas* "Virgílio-augustana", os quais formam uma nova totalidade. Mas eu penso que, apesar de tudo, Eneias não esgota o magistério que Virgílio dirige aos chefes. Quero lembrar a comovedora promessa de Júlio à mãe de Eurialo: ... *erit ista mihi genetrix nomemque Creusae/ Solum defuerit...* (*En.* 9,297-298).
42. É ocasião de citar o artigo do Prof. J. Lourenço de Carvalho "Os Lusíadas, Epopeia Neovirgiliana" em *Brotéria*, Novembro, 1980, pp. 393-418.
43. O cadendário da formação de Roma não coincide exactamente com o da era de Tróia. Uma reconstituição poética de Virgílio faz parte das promessa de Júpter a Vénus e, segundo ela, Roma teria sido fundada 333 anos depois da chegada de Eneias à Itália (*En.* 1,265-274).
44. Esta aproximação de Eneias ao patriarca Abraão surge com frequência nos autores de língua inglesa, v.g. W. A. Camps, *Introduction to Vergil's Aeneid*, p. 22.
A expressão "reino de Deus" é de J. Perret, *Virgile*, "Écrivains de toujours", p. 103.
45. Ou "his providentially extraordinary inability to exclude sources of influence and suggestion..." (W.F.J. Knight, o.c., pp. 182.417)
46. Cfr. v.g. J. Perret, *Virgile*, pp. 158 e sgs. "Le Christianisme de Virgile". Por seu lado, A. Bellessort, *Virgile*, pp. 310 e sgs., recorda os versos de Virgílio inscritos junto à cruz nos muros das catacumbas pelos discípulos de Jesus, os quais "avaient tout de suite senti que ce poète était un ami, peut-être un allié". O mesmo Bellessort escreveu no artigo "Virgile Chrétien" estas palavras cheias de sensatez: "Admettons, selon la parole du prince Hamlet sur toutes choses qui échappent à nos sens et à notre raison, que le poète, sans savoir lui même ce qu'il faisait, ait exprimé l'anxieuse attente du monde méditerranéen et ait célébré, bien avant l'heure, le double événement de la naissance d'un enfant divin et d'une transformation sociale: alors cette Quatrième Eglogue devient une poésie ravissante". Em E. Romagnoli et alii, *Le Message de Virgile*, p. 89.
47. H. Fuentes tem como certo que o canto VI da *Eneida* é a defesa da imortalidade da alma contra os epicuristas, sem excluir Lucrécio no seu *De Rerum Natura* (*Virgílio, Eneida. Libro VI*, pp. 10-11).
48. J.J.L. Cannington, o.c., p. 11.
49. Dante está para Virgílio como Platão está para Sócrates (A. Bellessort, o.c., p. 323). Por sua vez J. Perret adverte que o VI livro da *Eneida* não se pode ler hoje como se lia no tempo de Dante, pois o Florentino conferiu ao Poeta uma segurança suplementar que não pode ser esquecida pelos homens: "C'est donc au cour du temps une richesse qui s'accroît, au sein de l'humanité" (*Virgile*, p. 169).
Sobre a influência e o culto de Virgílio na Idade Média escreveu Domenico Comparetti uma obra em dois grossos volumes, *Virgilio nel Medio Evo* (Livorno, 1872) que ainda hoje conserva muito do seu valor de que Bellessort extrai o seu capítulo IX "Virgile après sa mort".
50. W.F.J. Knight resume nestas quatro palavras: *grauitas, pietas, constantia, auctoritas*, o.c., p. 20.

51. J. Perret, *Virgile*, pronuncia-se a sero favor pois, segundo diz, "cet auteur vieux de deux mille ans/serait, par ce seul fait, singulièrement en avance sur notre temps (pp. 138-139).
52. W.F.J. Knight, *o.c.*, pp. 179-180.
53. D.T. Stephens, *o.c.*, p. 168.
54. G. Boissier, *La Religion Romaine*, Tomo I, p. 247.
55. P. Boyancé, *La Religion de Virgile*, p. 177. Não destruiu a comunidade teohumana - a expressão é de J. Lourenço de Carvalho. *As Estruturas da Odisseia*, p. 30 - e até conseguiu dar-nos dos deuses uma imagem muitas vezes simpática como a de Vênus constantemente solícita pela vista do filho. Não há dúvida que os deuses da Eneida vêem através dos olhos de Virgílio.
56. Cfr. V. Poschl, *o.c.*, p. 73.
57. Cfr. J. Perret, *Virgile*, p. 141. A este coro de louvores não se associou o romantismo germânico "incapaz de saborear a força, unida a tamanho equilíbrio do poema virgiliano", porque, segundo Bellessort, a Alemanha seria uma velha inimiga do génio latino (cfr. *o.c.*, p. 329). Hoje, porém, o consenso é unânime, uma vez que na Alemanha se desencadeou uma revolução a favor de Virgílio (cfr. W.F.J. Knight, *o.c.*, p. 382 e nota 1). E muitos compatilharão o entusiasmo de J. Echave-Sustacta, *Virgilio, Eneida, Livro II*, p. 8: a *Eneida* é uma obra do seu tempo e de todos os tempos; ao cabo de dois milénios continua tão nova e fecunda como no dia da sua publicação.

BIBLIOGRAFIA

Autores citados

- BARDOU, Henry et VERDIERE, R. *Vergiliana*, Recherches sur Virgile, publiée par (...), Leiden, E.J. Brill, 1971.
- BELLESSERT, André, *Virgile, son oeuvre et son temps*, Paris, Librairie Académique Perrin, 1949.
- BELLESSERT, André, "Autour de Virgile, Virgile chrétien" em E. ROMAGNOLLI et alii, *Le Message de Virgile*, Paris, 1930, pp. 83-89.
- BOISSIER, Gaston, *La Religion Romaine*, d'Auguste aux Antonins, tome I, Paris, Hachette, 1906.
- BOWRA, C.M. *From Virgil to Milton*, London, Macmillan & C. Lda. N. York, St. Martin's Press, 1965.
- BOWRA, C.M., *Virgílio, Tasso, Camões e Milton*, trad. do inglês por António A. Dória, Livraria Civilização, Porto, 1950.
- BOYANCÉ, Pierre, *La Religion de Virgile* par (...). Paris, Presses Universitaires de France, 1963.
- BRISSON, Jean-Paul, *Virgile, son temps et le nôtre*, Maspero, 1966.
- CAMPS, W.A., *An Introduction to Virgil's Aeneid*, O.U.P., 1969.
- CANNINGTON, M.A., *The Aeneid, Notes*, London-Toronto, Coles Publishing Company, 1958.
- CARVALHO, J. Lourenço de, *As Estruturas da "Odisseia"*, Lisboa, 1977.

60 Outra vez Eneias

- CARVALHO, J. Lourenço de, "Os Lusíadas 'Epoepia Neovirgiliana'", Sep da Revista *Brotéria*, Nov. 1980, pp. 393-418.
- COMPARETTI, Domenico, *Vergil in the Middle Ages*, trad. inglesa por E.F.M. BENECKE, London, George Allen e Unwin Lda.
- CRUMP, M. Marjorie, *The Growth of the Aeneid*, Oxford, Basil Blackwell, 1920.
- D'AGOSTINO, Vittorio, "Verso il Nuovo Virgilio" em *Vergiliana*, pp. 125-136.
- DUMÉZIL, G., *Mythe et Épopée*, Paris, Gallimard, 1978.
- ECHAVE-SUSTAETA, Javier, *Virgilio*, Editorial Labor, Barcelona...
- ECHAVE-SUSTAETA, Javier, *Virgilio-Eneida (Libro II)*, Madrid, Instituto "Antonio de Nebrija", 1962.
- ERNOUT, A. et MEILLET, A., *Dictionnaire Étymologique de la langue latine*, quatrième édition, Paris, Edit. Klincksieck, 1979.
- FUENTES, Hediodoro, *Virgilio - Eneida. Libro VI*, Madrid, Instituto "Antonio de Nebrija", 1942.
- GRIFFIN, Jasper, *Homer on life and death*, Oxford, Clarendon Press, 1980.
- HIGHET, Gilbert, *The Speeches in Vergil's Aeneid*, Princeton, New Jersey, Princeton University Press, 1967.
- KNAUER, G.N., *Die Aeneis und Homer*, Gottingen, 1964.
- KNIGHT, W.F. Jackson, *Roman Vergil*, Penguin Books, 1966 (ed. revised).
- LIND, L. R., *Vergil's Aeneid*, Lawrence, Kansas, 1961.
- MICHEL, A., "Virgile et la politique Impériale..." em *Vergiliana*, pp. 213-245.
- OTIS, Brooks, *Virgil - A study in Civilized Poetry*. Oxford, At the Clarendon Press, 1964.
- PARRY, Milman, *The Making of Homeric Verse*, The Collected Papers of (...) edit. by Adam Parry, Oxford, 1971.
- PERRET, Jacques, *Virgile "Écrivains de Toujours"*, Edit, du Seuil, 1959.
- PERRET, René, *Histoire de la Littérature Latine* par (...), Hachette, Paris, 1890.
- POSCHL, Viktor, *The Art of Vergil*, Translated by Gerda SELIGSON, The University of Michigan Press, 1970.
- PUTNAM, M.C.J., *The Poetry of Aeneid*, Cambridge- Massuchetts, H.P.U., 1966.
- QUINN, Kenneth, *Latin Explorations*, Critical Studies in Roman Literature, Routledge and Kegan Paul, London, 1963.
- QUINN, Kenneth, *Virgil's Aeneid - A Critical Description* by (...). London, Routledge and Kegan Paul.
- REINHOL, Meyer, *Vergil*, New York, 1966.
- RUCH, M., "Le destin dans l'Énéide, essence et réalité", em *Vergiliana*, pp. 312-321.
- STEPHENS, D.T. "L'Homme absurde", em *Bulletin de l'Association Guillaume Budé*, Juin, 1972.

TERZAGHT, Nicola, *Virgilio, Pompei*, 1960.

THILL, Andrée, "Hector dans l'Énéide ou la succession homérique" em *Bulletin de l'Association Guillaume Budé*, Mars, 1980.

TRAINA, Alfonso, *Vortis barbore - Le traduzioni poetiche da Livio Andronico a Cicerone*. Roma, Edizioni dell'Ateneo, 1970.

Desta lista não constam nem os compêndios nem os dicionários nem os livros de texto.